

KIDS – uma nova tragédia da juventude*

Véra Motta

O filme de Larry Clark reedita o tema abordado por Frank Wedekind, em 1890, em sua peça *O Despertar da Primavera*, em que os personagens-símbolo se constituem com o objetivo de expor o tema de interesse: a sexualidade entre os jovens.

Desta feita, percorrem-se não as ruas de pequena cidadezinha na Alemanha, mas as ruas de Nova York, num verão intenso de calor, tempo de encontro em ruas, bares, buates, praças, festinhas em casas de amigos. Acompanhemos Telly e seu amigo Casper, dois jovens que perambulam à procura de nada, de algo para matar o tempo.

Telly é o nosso personagem central, o protagonista da nova tragédia, da tragédia dos novos tempos, aquela cujo herói nada sabe, ou de nada quer saber. Encontramos Telly às voltas com uma jovem que, pela primeira vez, experimenta o amor, e que teima em ouvir do parceiro algo que lhe dê garantias, ao que o outro não se furta em oferecer. Acabado o ato, Telly realiza o seu imediato apagamento, para reiniciar sua busca por uma nova parceira, em busca de um ato que, embora repetitivo na série, será sempre novo para ele. Telly só demanda parceiras que jamais tenham conhecido o amor; quer iniciá-las no ato, gozar da possibilidade de ser o único, naquela série infinita.

A cena se desloca para as meninas. Juntas, confidenciam, não sem a correspondente vergonha, suas primeiras e continuadas experiências sexuais, suas modalidades de gozo, seu encontro quase sempre furtivo, falho, com o parceiro sexual. Aí encontramos Jennie, nossa co-protagonista, iniciada por Telly no amor, e à espera de um novo encontro com aquele que lhe jurara cuidar dela. Mas Telly de nada quer saber, e disso Jennie não adivinha.

A praça, *locus* dos personagens-símbolo, dos jovens meninos, introduz um outro elemento: Casper está à procura de algo, diferentemente de Telly, de algo que lhe permita gozar, de um objeto mais-além, ou mais-aquém daquilo que causa a Telly o desejo. Não se trata de uma menina, outra *kid*, mas um objeto indiferente, vazio, que transita entre o tabaco, o álcool, a maconha, a cocaína e o crack. A droga faz seu aparecimento na rua, entre os

meninos, reunindo em torno deles os traficantes, aqueles que negociam o gozo do outro, a velha mercadoria. Nesse cenário, esboça-se um “rolo”, cujas conseqüências sequer se adivinham, e que os *kids* não querem saber. Será que o cara está morto? “Não sei”. Uma das meninas comenta: “Vocês são doentes...”

A ação se precipita, no encontro entre meninos e meninas. Os *kids*, acalorados, vão nadar. Mantêm a cobertura dos seus corpos, revelando um pudor que nada tem a mostrar, como afirma Jacques Lacan, a propósito dos jovens de Wedekind. Os diálogos que se seguem são correlativos desse pudor, demonstrando que é pela linguagem que a sexualidade se instala e se institui, entre os jovens. A abordagem de um parceiro do outro sexo é sempre cuidadosa, e isso deve surpreender a platéia. Entre *kids* daquela espécie, a conduta esperada seria outra? Por que a grosseria? Os meninos se ensaiam, se exibem, são recusados, com suavidade ou humor, ou ainda, pacientemente aguardam. Como nosso protagonista Telly, à espera da ovelhinha, cuja pele começa, lentamente, a cair.

Novamente, a cena irá se deslocar. Jennie tem um encontro, com o mundo adulto, para o qual se coloca como espectadora: ela vai acompanhar, simplesmente, sua amiga, a uma instituição de saúde, para exames preventivos. Eis que é abordada, pelo mundo adulto; a experiência lhe convoca. Jennie não recua, intimidada. Mas é para, em seguida, se revelar a dimensão dramática e aterradora da primeira e única experiência de amor : é soropositiva. A partir daí nossa heroína, aquela que sabe, aquela que está submetida à castração, que não se excetua dessa ordem, deve ir à procura do parceiro, para comunicar-lhe aquilo que ele não quer saber. Ela não fará série, e isso a precipita para Telly.

As ruas, os bares, as buates, tudo se passa como num delírio hipnótico, ou tóxico, pelos olhos de Jennie. Ao final de suas forças, reencontra Telly, que se encontra prestes a executar o ato trágico, de iniciação e, ao mesmo tempo, de terminalização, se assim podemos dizer, com sua mais nova parceirinha sexual. Jennie tem poderes para interromper este ato? O que quer Jennie? Ela também nada sabe, eis o que ficamos, ao final, sabendo. Narcotizada por um presente, Jennie chega ao limite último de sua lucidez, e sua cautela cede lugar ao gozo, ao gozo do Um. Entorpecida, ela se deixa introduzir na cópula por Casper, em quem o amor vem como ressaca, como um resíduo de gozo. Aí encontramos Jennie, e aí se encontra, pela primeira vez, Casper, que, perplexo, afinal, se pergunta: “Meu Deus! o que será que nos aconteceu?”

KIDS, de Larry Clark, reatualiza *O Despertar da Primavera*; uma tragédia da juventude, de Frank Wedekind. Realizada no final dos anos 90, ela corporifica um novo tempo, uma nova modalidade de inscrição dos jovens na sexualidade, em que o limite com a Morte não encontra barreiras, resistências, como em *O Despertar...* Ao invés do Mascarado, aquele que aponta a saída na peça de Wedekind, acabrunhamo-nos, os adultos, por não enxergarmos outra saída que não a da porta do cinema. Cabisbaixos, mudos, repetimos em vão a pergunta de Casper: meu Deus, o que aconteceu aqui?

* Texto publicado em A TARDE *Cultural* de 11 de novembro de 1995, p.12, sob o título *A saída é a porta do cinema*.